



SE 04. Estudos Etnográficos em Educação

Rodrigo Rosistolato (Universidade Federal do Rio de Janeiro) - Coordenador/a, Neusa Maria Mendes de Gusmão (Universidade Estadual de Campinas) - Participante, Amurabi Pereira de Oliveira (Universidade Federal de Santa Catarina) - Participante, Nalayne Mendonça Pinto (UFRRJ) - Participante, Ceres Karam Brum (UFSM) - Participante, Tânia Dauster Magalhães e Silva (PUC-Rio) - Participante, Nazareth Salutto (Universidade Federal Fluminense) - Participante, Guillermo Vega Sanabria (Universidade Federal de Viçosa) - Participante

Antropologia e Educação são áreas que têm desenvolvido diálogos frutíferos tanto no Brasil quanto no cenário internacional. Há, como em qualquer zona de fronteira, uma série de debates e embates sobre a relação entre as duas áreas. Discute-se até mesmo se o ideal seria pensar em uma antropologia da educação, em que os fenômenos educacionais seriam tratados como "objetos" da investigação antropológica; ou se deveríamos trabalhar com a noção de antropologia e educação, reconhecendo as especificidades de cada área e pensando a partir de uma abordagem interdisciplinar. Discussões semelhantes ocorrem quando pensamos a pertinência e a eficácia de etnografias em contextos educacionais. Existem argumentações plenamente reconhecidas no campo educacional sobre uma suposta impossibilidade de realização de etnografias em educação. Por outro lado, antropólogos que trabalham com pesquisa educacional defendem veementemente tanto a viabilidade quanto a pertinência de etnografias sobre os processos educacionais. Ao considerar esses debates e disputas presentes na produção de conhecimento sobre a educação, o Simpósio tem dois objetivos. O primeiro é fomentar o diálogo e a troca de experiências entre pesquisadores que têm realizado estudos etnográficos em educação. O segundo, discutir questões teóricas e metodológicas relacionadas às etnografias em contextos educacionais, enfatizando a pertinência e a eficácia da etnografia enquanto forma de produção de conhecimento sobre a educação.

As casas do Brasil na Europa: apontamentos sobre antropologia, etnografia e educação

Autoria: Ceres Karam Brum

O nome Casa do Brasil remete às residências estudantis que foram construídas na década de 1950-60 com o objetivo de fomentar a formação internacional dos pesquisadores brasileiros. Essas casas se constituem em monumentos responsáveis pela disseminação de imagens modernistas do Brasil na Europa. Seus principais expoentes são a Maison du Brésil de Paris e a Casa do Brasil de Madri. Por seu turno, o nome "Casa do Brasil", desde a década de 1990, vem sendo utilizado para nomear associações que apoiam imigrantes brasileiros na Europa como demonstram as Casas do Brasil de Lisboa e Munique. Este work deseja refletir sobre essas casas como "territórios educacionais brasileiros" na Europa a partir de um percurso de pesquisa que articula os desafios da realização de um work de pesquisa histórico e etnográfico que coteja as relações entre antropologia, etnografia e educação.

Da apologia da diversidade à diversidade de conflitos: ensino de antropologia, etnografia e desafios didáticos em novos cenários políticos

Autoria: Guillermo Vega Sanabria

A discussão retoma o mote de que o objetivo do ensino de antropologia é desconstruir, relativizar,



desnaturalizar ou problematizar o senso comum (dos outros). Além de ter se tornado um chavão, esse mote privilegia uma versão apologética e virtuosa do nosso work como professores. Daí que as reflexões sobre o ensino da disciplina pouco contemplem a dificuldade, o fracasso e, sobretudo, o conflito, uma noção tão cara às análises antropológicas clássicas. Longe de negar o potencial benefício do ensino da disciplina, trata-se aqui de ponderar suas possibilidades e limites, à luz dos desafios colocados aos professores de antropologia por realidades escolares específicas. A reflexão sobre e a prática da etnografia tanto podem contribuir para os estudantes entenderem o que é antropologia ?na prática? quanto pode ajudar o professor da disciplina a conhecer a realidade em que faz seu work.

É possível realizar etnografias em educação ? (teoria e método numa experiência de ensino, pesquisa e orientação)

Autoria: Tânia Dauster Magalhães e Silva

Esta apresentação pretende afirmar a relevância e a possibilidade de realização de etnografias na área de educação. A argumentação fundamenta-se numa experiência de work iniciada no final dos anos 80, estendendo-se durante a primeira década do século XXI, situada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da PUC-Rio. Em relação a esta área (Antropologia e Educação ou Antropologia da Educação) considero que existe um imenso desgaste no uso do termo "etnografia", tendo em vista interpretações que banalizam e reduzem seu potencial como prática de investigação do ofício antropológico, basicamente um modo de conhecer, uma epistemologia, que incorpora teoria e prática. Isto significa que não basta fazer work de campo, observações, entrevistas e registros num "caderno de campo" para se ter uma etnografia.

Infância, Experiência e Etnografia na Educação Infantil

Autoria: Nazareth Salutto, Anelise Monteiro do Nascimento Nazareth Salutto

A mesa apresenta e discute parte dos resultados de uma pesquisa realizada no campo da educação que teve como objetivo investigar a experiência da infância de crianças matriculadas em instituições educacionais. O campo empírico foi construído a partir do banco de dados referente à observação em vinte e uma instituições de Educação Infantil de um grande centro urbano. O referencial teórico, com base nos estudos da sociologia e da antropologia da infância, articula esses dois campos que se dedicam ao conhecimento das crianças e suas culturas. Assim, ao eleger as crianças como sujeitos de investigação, este artigo pretende dar visibilidade ao que elas produzem em interação quando optamos pela etnografia como estratégia metodológica.

Intercorrências: fazeres etnográficos na antropologia e na educação

Autoria: Neusa Maria Mendes de Gusmão

Intercorrência é entendida no presente texto como série de alternativas que se apresentam no fazer etnográfico de diferentes pesquisadores. A discussão apoia-se no fato de que as escolhas teóricas possibilitam uma diversidade de resultados, porque são dependentes dos princípios e das ferramentas adotadas no fazer científico. Quais são tais princípios e ferramentas? Quais suas possibilidades e quais seus limites? Tais perguntas orientam a releitura de três dossiês com a temática antropologia da educação e tem por objetivo demonstrar os caminhos trilhados por antropólogos e pesquisadores em educação quando adotam a etnografia no âmbito de suas pesquisas.

Notas de pesquisa sobre dimensões dos conflitos, moralidades e interações em espaços escolares

**Autoria:** Nalayne Mendonça Pinto

A proposta será apresentar resultados da pesquisa realizada em espaços escolares sobre a percepção dos alunos e docentes em situações de conflitos e violências. Importa considerar as narrativas e experiências relatadas pelos atores; como operam formas de classificação e modos de justificação das crises, disputas e desvios. Os jovens apontam a escola como local da diversidade, e assim espaço privilegiado para a exposição das diferenças. Observa-se o uso da linguagem acusatória, do insulto moral e da "zoação" como instrumentos para produção dos conflitos e violências. No mesmo sentido os docentes relatam como situações corriqueiras são estopim para brigas verbais e casos de violência física. Assim, importa olhar a socialização em escolas como espaço de disputas produzindo sociabilidades, onde dispositivos morais da "zoação" são potencializados como gramáticas da sociabilidade juvenil.

Uma etnografia do ensino por meio de arquivos**Autoria:** Amurabi Pereira de Oliveira

Pensar a etnografia nos remete, quase que inevitavelmente, ao sentimento de "estar lá", de realizar um work de campo "a la Malinowski". Compreendo, no entanto, que a etnografia pode ser realizada de outras maneiras, sendo possível pensarmos uma etnografia do arquivo. Nas pesquisas que tenho realizado nos últimos anos tenho buscado revisitar a história da antropologia a partir de outra perspectiva, não partindo das grandes obras, mas sim das rotinas de ensino e de aprendizagem desta ciência, o que é realizado essencialmente por meio de uma etnografia de arquivo. No presente work busco analisar as possibilidades de pensarmos uma etnografia do ensino a partir de arquivos, tomando como fio condutor os "cadernos de aula" do antropólogo catarinense Oswaldo Cabral (1903-1978), que fundou a primeira cátedra de antropologia cultural em Florianópolis.



Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero, de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e



Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA) e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

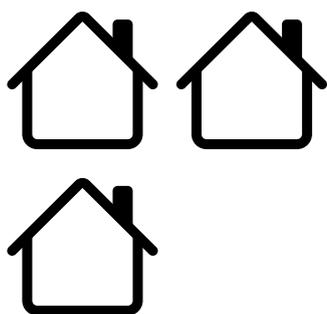
Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

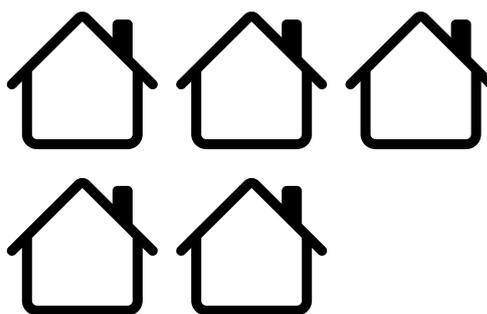
Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização:



Apoio:



Organização:

